

CORTESIA – UMA VIRTUDE FRANCISCANA

COURTESY – A FRANCISCAN VIRTUE

Angelo Fernandes Baratella¹

Dennys Robson Girardi²

RESUMO

O presente trabalho propõe um cotejamento entre o conceito de cortesia presente na cultura cavaleiresca do período medieval e o conceito de cortesia empregado nos textos franciscanos. No século XIII, a cortesia era entendida como um conjunto de belas e boas maneiras, o que colaborou para a compreensão da cortesia como um conceito de civilidade urbana, polidez e refinamento dos comportamentos virtuosos. Francisco de Assis tinha apreço pela nobreza dos cavaleiros e, além disso, possuía o desejo por se fazer cavaleiro. No entanto, a compreensão de cortesia cavaleiresca e a virtude franciscana se diferenciam, pois a cortesia franciscana é uma característica em que no trato fino para com o outro e no cuidado para com todas as criaturas se reverencia o próprio Deus, servindo-o com os votos de vassalagem. Ser cortês é, desse modo, participar do projeto da criação, possuindo as características do próprio Deus, oferecendo a cada um o que se tem de melhor, com atenção e cuidado. Portanto, a compreensão do termo cortesia nos textos franciscanos deve ser entendida como forma de oferecer respostas aos questionamentos e problematizações da vida. Em suma, Francisco, influenciado pela cultura cavaleiresca de sua época, revela uma originalidade ao compreender cortesia como um elemento da formação humana, indo além de uma simples característica cavaleiresca.

Palavras-chave: Cortesia. Virtude. Cavaleirismo. Francisco de Assis.

¹ Bacharel em Direito pela USF. Bacharelando em Filosofia pela FAE Centro Universitário. *E-mail*: angelobaratella@yahoo.com.br

² Mestre em Tecnologia em Saúde pela PUCPR. Licenciado em Filosofia pela FAE Centro Universitário. Licenciando em História pelo CEUCLAR. Coordenador Geral da Graduação da UNICURITIBA. *E-mail*: dennys.girardi@gmail.com

ABSTRACT

The present work proposes a comparison between the concept of courtesy present in the chivalric culture of the medieval period and the concept of courtesy employed in the Franciscan texts. In the thirteenth century, courtesy was understood as beautiful and good manners, which collaborated with the understanding of courtesy as a concept of urban civility, politeness, and refinement of virtuous behavior. Francis of Assisi had an appreciation for the nobility of the knights; moreover, he had the desire to become a knight. However, the understanding of chivalrous courtesy and Franciscan virtue are different, for Franciscan courtesy is a characteristic in which in the fine treatment of the other and in the care of all creatures, God reveres himself and serves him with vows Of vassalage. To be courteous is thus to participate in the creation project, possessing the characteristics of God himself, offering to each one what is best, with attention and care. Therefore, the understanding of the term courtesy in the Franciscan texts should be understood as a way of offering answers to the questions and problematizations of life. In short, Francis influenced by the chivalrous culture of his time, reveals an originality in understanding courtesy as an element of human formation, going beyond a simple knightly characteristic.

Keywords: Courtesy. Virtue. Cavalry. Francis of Assisi.

INTRODUÇÃO

O presente estudo propõe conexões possíveis entre a compreensão da cortesia na cultura cavaleiresca do período medieval e a cortesia empregada nas *Fontes Franciscanas*³.

Justifica-se tal análise por ser a cortesia um comportamento humano, próprio do tratamento dos homens da corte e dos cavaleiros. Assim, para ser um nobre cavaleiro, era preciso ser educado na cultura da cavalaria, que concedia ao pajem os elementos necessários para participar do convívio da corte. O convívio na corte era pautado no fino trato e no cuidado com o outro; estar na corte era algo de prestígio, e por isso era algo ambicionado por muitos cavaleiros. Contudo, para pertencer à corte física, era necessário desenvolver algumas características humanas, qualidades que identificavam os membros da corte e faziam deles humanos valorosos.

A problemática assumida aqui está na forma com que Francisco de Assis compreendia o termo **cortesia** como elemento da formação humana, indo além de uma simples característica. Tal compreensão toma por fundamento Francisco, jovem assisense do final do século XII, que vislumbrava pertencer à nobreza advinda da cavalaria. Francisco era burguês, filho de comerciante, e desejava participar do convívio dos nobres (por ter dinheiro, possuía prestígio, mas lhe faltava um título da nobreza, que poderia advir da cavalaria).

Deste modo, o final do século XII, uma época marcada pela cultura cavaleiresca e pelo final do feudalismo, influencia o apreço de Francisco pela nobreza dos cavaleiros a ponto de gerar nele o desejo de se tornar cavaleiro. A cultura cavaleiresca possui na cortesia uma característica particular, talvez o principal elemento que define a postura de um cavaleiro.

Para desenvolver o estudo do tema, tornou-se necessário organizá-lo de forma a analisar os escritos de Francisco de Assis e outros textos (biográficos e hagiográficos) que constituem as *Fontes Franciscanas*.

³ Coleção de testemunhos de vida (de homens e mulheres) que, no século XIII, se inspiraram na vivência de São Francisco de Assis, Santa Clara de Assis e de seus primeiros seguidores.

Cabe ressaltar que, em diversas passagens de textos franciscanos, o termo cortesia é apresentado como uma qualidade de Francisco e de seus companheiros, portanto, um elemento da formação humana. O principal texto de referência é a *Legenda dos três companheiros*.

Ao analisar os textos, observa-se que Francisco deixou de ambicionar a nobreza de costumes para participar de uma corte na condição de cavaleiro. Porém, cultivou a virtude da cortesia como uma característica para si e para seus companheiros. Assim, a característica irrompe como uma virtude necessária a todo aquele que se dispõe a ser companheiro de Francisco.

Com o presente estudo, pôde-se estabelecer relações entre as compreensões de cortesia cavaleiresca e a virtude franciscana como forma de oferecer respostas aos questionamentos e problematizações da vida. O trabalho foi desenvolvido, por meio da leitura das *Fontes Franciscanas*, a partir de um método comparativo, dedutivo e que lançou mão da análise discursiva.

Deste modo, este estudo objetiva apontar elementos que ajudam a compreender a cortesia como conceito na Idade Média e como virtude na formação humana franciscana até os dias de hoje.

1 CORTESIA – CARACTERÍSTICAS DA CAVALARIA

No período medieval ocorreu a cristianização do ideal cavaleiresco, ou seja, a cultura religiosa cristã influenciava diretamente o modo de ser cavaleiro, impondo por vezes uma moral fundada na cultura cristã.

O período da Idade Média se estende do século IV até meados do século XV. Contudo, o tema sobre a cultura cavaleiresca é tratado principalmente entre os séculos XI e XIII, quando os cavaleiros desenvolvem características de nobreza nos processos relacionados ao cuidado da Terra Santa.

Cabia aos cavaleiros assegurar e proteger os homens que partiam nas longas caminhadas. Ao caminhar nas estradas, os medievais se lapidavam na busca de purificação de suas mentes e preparavam-se para o encontro com o divino. Assim, três eram os principais destinos: a Terra Santa, Roma e São Tiago de Compostela.

O período medieval é marcado por diversas características, entre as quais estão a constituição da sociedade em feudos, os regimes monárquicos de governos e, principalmente, a presença da autoridade eclesiástica no meio social. Os cavaleiros eram os responsáveis por assegurar o sistema, proteger os mais fracos, os clérigos e as viúvas, ou seja, eles exerciam a função de protetores sociais. O que se destacava nesse grupo era a forma como se protegia, pautada na cortesia. Assim, os cavaleiros davam um passo além da corte, pois a cortesia devia ser estendida aos que se encontram pelo caminho.

O século XIII é marcado por belas e boas maneiras de agir, algo que os historiadores e sociólogos denominaram como cortesia. Mais tarde essa compreensão de cortesia se estende para o conceito de civilidade urbana, polidez, refinamento dos comportamentos e sentimentos. Esse modelo apresenta uma forma de convivência pautada no interesse e cuidado do outro.

O cristianismo exerceu grande influência na cultura cavaleiresca e definiu a conduta dos cavaleiros no serviço aos senhores feudais. A estrutura da sociedade era dividida, essencialmente, em três grupos: aqueles que trabalhavam no cultivo das terras; os que defendiam os reinos; e os homens que prestavam culto a Deus. Assim, os cavaleiros estavam tanto a serviço dos senhores feudais quanto da Igreja.

O feudo era semelhante a uma sociedade paroquial, onde todos serviam ao feudo, representado pela figura do senhor feudal. Os jovens, filhos de vassalos, também serviam o senhor feudal no intuito de aprender a defender o feudo, além de aprenderem as artes para divertir o senhor feudal, por meio dos jogos e gestas. A diversão do senhor estava relacionada aos combates entre os cavaleiros ou entre aqueles que estavam se preparando para pertencer à ordem da cavalaria. Desde jovens os meninos cultivavam os elementos necessários para serem armados cavaleiros, pois era de grande prestígio participar da corte, principalmente ser feito cavaleiro e honrado com as insígnias da nobreza que a cavalaria concedia. Assim, participar dos jogos e se dedicar ao serviço do feudo era o primeiro passo para adentrar na ordem dos cavaleiros.

Sendo a cristianização um traço marcante na época medieval, a compreensão do termo **cortesia** perpassa pelo entendimento da cultura cristã:

[...] o amor cortês soube encontrar o miraculoso equilíbrio da alma e do corpo, do coração e do espírito, do sexo e do sentimento. Para lá dos ouropéis de vocabulário e de rito, que fazem dele um fenômeno da época, para lá do maneirismo e dos abusos da escolástica cortês e, claro, das ninharias dos trovadores modernos, o amor cortês continua a ser o dom imperecível que, de todas as formas mortais que criou, aquela civilização deixou à sensibilidade humana (LE GOFF, 1984, p. 117).

Considerada a contextualização rasa que se trouxe sobre a cultura medieval cavaleiresca, destacam-se as definições dos termos **cavaleiro** e **cortesia**, tema de estudo aprofundado pelo autor Jacques Le Goff (1984, p. 285) e apresentados na obra *A Civilização do Ocidente Medieval*: “**Cavaleiro** – membro da aristocracia feudal que se distingue pelo armamento, pelo gênero de vida e pela sua moral especial (fidelidade, liberalidade); e **Cortesia** – comportamento e ideal que se desenvolve nas cortes feudais a partir do fim do século XI”.

O pensamento medieval compreendia tanto as concepções de fé quanto a compreensão de cavalaria como ideal estético, uma fantasia heroica com romanticismo. Devido à marcante presença do cristianismo, a vida do cavaleiro se modela para demonstração de fé, piedade e virtude – um paradoxo entre o virtuoso e o orgulho da honra de ser nobre.

O ideal cavaleiresco parece ambicionar valores que retratam um comportamento idealizado, como a busca por vivenciar uma realidade utópica, aspirações morais que nem sempre traduziam a cortesia na clareza da compreensão virtuosa.

A cavalaria medieval demonstra uma fantasia irreal; os traços de sacrifício e desapego material são meras idealizações não concretizadas na realidade. Os traços religiosos de piedade, compaixão e amor cortês ocultam um desejo erótico do cavaleiro, expresso através dos comportamentos ponderados na moralidade cristã.

O comportamento cortês do cavaleiro medieval configura-se numa busca idealizada por um amor desejoso de uma dama. As condutas dos cavaleiros retratavam uma conduta social como expressão de ornamento na conquista de suas paixões. Assim, esse comportamento de maneirismos, como a expressão do sentimento do cavaleiro para sua dama (amor-cortês), na prática, se direcionava a uma dama real, conhecida.

Em suma, toda a expressão da cultura cavaleiresca pode ser entendida como um comportamento polido pelas normas sociais impostas pela Igreja da época. Sendo assim, a cultura cavaleiresca aparece como expressão de refinamento do homem em seus anseios mais comuns, como a sexualidade. Enfim, o contexto do século XI (e dos séculos seguintes) propiciou um rebuscamento das normas morais do homem. O cavaleiro deve ser entendido como aquele que serve ao senhor feudal e defende os homens a serviço de Deus (os clérigos). Entretanto, os cavaleiros ainda imbuídos de desejos agem de acordo com um comportamento honroso, mas que na realidade é apenas uma forma de controlar os impulsos.

O código de conduta da cavalaria, expressa em versos de amor-cortês, era utópico. A vida real da época demonstrava que o cortejar e namorar uma dama eram uma mera representação diante da sociedade. Ou seja, a nobreza de costumes era somente um conjunto de normas de conduta impostas a jovens que prestavam juramento de serviço à corte e ganhavam respeito e honrarias por participar de um lugar de destaque em meio à sociedade medieval (a cavalaria).

2 CORTESIA – VIRTUDE FRANCISCANA

Analisada a experiência da cortesia na cultura cavaleiresca dos séculos XII e XIII, justamente a época em que viveu Francisco, será exposto, nesta seção, como a cultura cavaleiresca exerceu influência sobre a formação deste.

No intuito de compreender os anseios de Francisco de Assis, de modo especial suas características e virtudes, buscaram-se nas *Fontes Franciscanas* elementos que pudessem identificá-lo. As fontes trazem relatos sobre a vida de Francisco e a organização dos primeiros

seguidores. Nestes textos, pode-se verificar a influência da cultura cavaleiresca, principalmente sobre a compreensão de cortesia.

Nas *Fontes Franciscanas* são encontradas diversas passagens em que se pode destacar a citação de cortesia no comportamento de Francisco, porém foi reservado a este item apresentar brevemente a compreensão de cortesia a partir da visão dos primeiros seguidores de Francisco, para no próximo item se analisar a cortesia em Francisco de Assis.

Na obra intitulada *Legenda dos três companheiros* são apresentadas as características da cavalaria manifestadas em Francisco. O termo **legenda** denota o relato sobre a vida de Francisco e seus feitos heroicos, narrados por três companheiros dele.

Cabem aqui duas breves explicações, a título de introdução aos temas **legenda** e **companheiro**. O termo **legenda** significa algo para ser lido; são coletâneas de textos que retratam a vida, a modo de biografia, de um herói ou santo. O termo **companheiro** tem a ver com pão, com refeição; companheiros são aqueles que partilham do mesmo pão, são aqueles que convivem em diversas circunstâncias, mas que acima de tudo dividem a vida. A *Legenda dos três companheiros* foi um texto escrito por três dos primeiros seguidores de Francisco de Assis, a saber: Ângelo, Rufino e Leão (TEIXEIRA, 2004e).

Ao apresentar Francisco, a *Legenda dos três companheiros* diz:

No entanto, era como que naturalmente cortês nos costumes e nas palavras, não dizendo a ninguém, de acordo com o propósito de seu coração, palavra injuriosa ou obscena; pelo contrário, como era jovem brincalhão e alegre, propôs jamais responder aos que lhe dissessem coisas vergonhosas. Por isso, sua fama se divulgou por quase toda a província, de modo que muitos que o conheciam diziam que ele seria algo de grande.

A partir destes graus das virtudes naturais, foi levado a tal graça que, convertido, dizia a si mesmo: “Visto que és generoso e cortês para com os homens dos quais nada recebes, a não ser favor transitório e fútil, é justo que, por amor de Deus, que é generosíssimo em retribuir, sejas cortês e generoso para com os pobres” (TEIXEIRA, 2004e, p. 791).

Nota-se a preocupação em apresentar os modos de Francisco de acordo com os ideais da cavalaria. Ainda que ele não fosse cavaleiro, tais elementos demonstram as características de um nobre. Deste modo, o santo de Assis é apresentado como um homem com as virtudes necessárias para participar das cortes – neste caso, uma nova corte, em que todas as criaturas se fazem presentes.

Em outro trecho das *Fontes Franciscanas*, uma obra intitulada *Biografia Segunda de Celano* (2004c, p. 302) esclarece que Francisco não era de origem nobre, porém seus costumes se assemelhavam aos dos nobres:

[...] Afastava sempre para longe de si tudo que pudesse soar como injúria para alguém e, tornando-se adolescente em costumes cortesês, a todos parecia não nascido da linhagem daqueles que se diziam seus pais.

Nota-se que Francisco, influenciado pela cultura de sua época, também ambicionou participar da nobreza, e para receber as insígnias de nobreza dadas aos cavaleiros, quis se fazer cavaleiro: “E assim, ele tenta ir à Apúlia para conquistar a cavalaria e, tendo preparado ricamente as coisas necessárias, apressa-se em conseguir os graus de honra da cavalaria.” (TEIXEIRA, 2004c, p. 304).

Porém, o jovem assisense, tocado no seu íntimo por um desejo maior, entendeu que não haveria maior senhor a servir do que ao Senhor Deus, iniciando assim uma trajetória de vida religiosa que se assemelha à cavalaria: “Mas o fortíssimo cavaleiro não se perturba por causa das guerras iminentes, e não cai em seu ânimo aquele que haveria de combater os combates do Senhor nos campos de batalha deste mundo” (TEIXEIRA, 2004b, p. 261). Desta forma, Francisco, com as virtudes da cavalaria, deixa de servir a um senhor feudal, como faziam os cavaleiros, e passa a servir a Deus como seu Senhor.

Analisando os diversos documentos, nota-se que a cultura cavaleiresca perpassa pelos vários textos franciscanos. Boaventura escreve na *Legenda maior* (2004f, p. 557):

[...] lembrando-se, porém, do propósito da perfeição já concebida na mente e recordando-se de que deveria primeiramente vencer-se a si mesmo, se

quisesse tornar-se cavaleiro de Cristo, saltando do cavalo, correu a beijá-lo.

Tratando de cortesia, tem-se clara a compreensão do termo no livro *Atos do bem-aventurado Francisco e companheiros* (2004a, p. 1245), em que o próprio Francisco ensina sobre a cortesia a seus companheiros:

[...] Pois a cortesia, irmão caríssimo, é uma das propriedades de Deus, que administra cortesmente o seu sol, e sua chuva e todas as coisas sobre os justos e os injustos. A cortesia ordenada, de fato, é irmã da caridade, extingue o ódio e conserva o amor. E, porque reconheci neste bom homem tanta virtude divina, de bom grado eu o quereria como companheiro [...].

Cabe notar que a cortesia, em Francisco, consiste na virtude de dar a cada um o que este necessita, como o sol e a chuva são dados a todos, independentemente de um merecimento. A cortesia em Francisco centra-se no ato de cuidar do outro, oferecendo-lhe do que se tem de melhor. Cortesia consiste em amar o outro na condição em que ele está, independente de merecimentos. Cortesia é característica do próprio Deus, que a distribui como dom àqueles que cultivam o espírito.

Em outro texto da obra, a cortesia é apresentada com clareza como derivada da cavalaria. Quando perguntado sobre qual seria o frade perfeito, Francisco afirma que o frade perfeito é aquele que, entre outras características, possui “a cortesia de Frei Ângelo, que foi o primeiro cavaleiro a entrar na Ordem e que era ornado de toda a gentileza e benignidade [...]” (TEIXEIRA, 2004d, p. 1080).

Tendo Francisco sido educado para ser nobre, aprendeu sobre a cultura cavaleiresca, principalmente sobre as histórias de grandes cavaleiros, como por exemplo a do *Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda*. Assim, comparava seus companheiros aos cavaleiros da Távola Redonda: “Estes meus frades e cavaleiros da Távola Redonda são aqueles que permanecem nos desertos e lugares ermos para, com maior diligência, entregarem-se à oração e à meditação [...]” (TEIXEIRA, 2004d, p. 1069).

Nas narrações biográficas ou hagiográficas fica evidente o quanto é importante a cortesia na vida de Francisco. A nobreza atribuída aos cavaleiros é ressaltada diversas vezes como virtude franciscana. Apesar de não ter recebido insígnias da cavalaria de um senhor feudal, a religiosidade atribui a ele insígnias de nobre providas da vassalagem ao Senhor Deus:

[...] E verdadeiramente Francisco foi quem, mais do que todos, teve coração franco e nobre. Conheceram realmente a magnanimidade dele aqueles que experimentaram quão livre, quão liberal, quão seguro e impávido ele foi em tudo e com quanta virtude, com quanto fervor de espírito ele calçou aos pés todos os bens do mundo (TEIXEIRA, 2004b, p. 283).

Enfim, inúmeros outros trechos dos textos das *Fontes Franciscanas* poderiam ser relatados. Aqui foram feitos apenas apontamentos de alguns trechos de textos franciscanos que revelam explicitamente a cortesia franciscana, que os relaciona à compreensão de cortesia na cultura cavaleiresca dos séculos XII e XIII.

3 CORTESIA – VIRTUDE DE FRANCISCO DE ASSIS

A partir da breve apresentação sobre a cavalaria e alguns trechos de textos franciscanos que apontam para as características da cavalaria no franciscanismo, propõe-se, aqui, analisar as semelhanças e diferenças na compreensão de cortesia.

Inicialmente, destacam-se as semelhanças, não raras, pois conforme explicitado anteriormente, o jovem assisense desejava se tornar cavaleiro para possuir as insígnias da nobreza e obter o prestígio de participar da aristocracia daquele tempo.

Assim, o século XIII é marcado por belas e boas maneiras, que são identificadas como cortesia. Tais maneiras se estendem para os conceitos de civilidade urbana, polidez, refinamento dos comportamentos e sentimentos. Estes conceitos são características atribuídas a Francisco de Assis, conforme destacado na *Legenda dos três companheiros* (2004e, p. 791): “cortês nos costumes e nas palavras, não dizendo a ninguém, de acordo com o propósito de seu coração, palavra injuriosa ou obscena.”

Como já apresentado, os jovens medievais, filhos de vassallos, ambicionavam a nobreza, desejavam gozar do grande prestígio de participar da corte, principalmente por meio do título de cavaleiro, honrado com as insígnias dos nobres. Com Francisco ocorreu algo semelhante. Tal fato foi relatado na *Biografia Segunda de Celano* (2004c, p. 304): “E assim, ele tenta ir à Apúlia para conquistar a cavalaria e, tendo preparado ricamente as coisas necessárias, apressa-se em conseguir os graus de honra da cavalaria”.

Contudo, diante das experiências vivenciadas por Francisco de Assis, a compreensão de cortesia se amplia, não se limitando a maneirismos comportamentais de uma determinada classe social.

É necessário analisar mais detalhadamente o que Francisco entendia por cortesia, pois o ser cavaleiro, para Francisco, era entendido como serviço ao Senhor, ou seja, se antes o vassallo servia ao senhor feudal, o jovem assisense servia ao Senhor de todas as criaturas, manifestado em todos os elementos da criação, os quais são a representação do próprio Deus.

Assim, Francisco associava plenamente a cortesia como nobreza de costumes, compreendida como virtude provinda de Deus, que se manifesta como uma das características da divindade. Portanto, cortesia é dom e virtude, que precisa ser cultivada, “pois [...] é uma das propriedades de Deus, que administra cortesmente o seu sol, e sua chuva e todas as coisas sobre os justos e os injustos (TEIXEIRA, 2004a, p. 1245).

O cavaleiro tinha de demonstrar força e coragem, suportando desafios e dificuldades. Estes desafios vencidos dignificavam ainda mais os cavaleiros, de modo que poderiam receber mais honrarias. Também Francisco de Assis cultivava no seu modo de ser uma atitude semelhante, que se revela no ascetismo religioso, narrado pela *Biografia Segunda de Celano* (2004c, p. 315): “O valoroso cavaleiro de Cristo nunca poupava o corpo, expondo-o, como se fosse alheio a si, a todas as injúrias de atos e de palavras”.

Ademais, Francisco entende ser próprio dos cavaleiros a característica da cortesia, como uma nobreza de coração. Para ele o

cavaleiro é aquele que serve a ideais elevados, como justiça, honra e dignidade entre os homens. O comportamento cortês se revelava como moral imposta pela influência da Igreja na sociedade medieval.

Ao estudar os textos franciscanos, percebem-se diversas semelhanças com a cultura cavaleiresca medieval. No entanto, a formação humana transmitida por Francisco busca uma vida virtuosa. Se antes ambicionava o título de nobre, posteriormente ele se reconhece não mais como nobre de costumes (enquanto comportamento), mas sim como nobre de coração, atento às necessidades e fraquezas humanas. A cortesia passa a se caracterizar como cuidado do outro, num sentido mais amplo, em que as criaturas são manifestação da divindade e devem ser cuidadas de modo virtuoso.

O despojamento de bens idealizado pela cultura cavaleiresca é plenamente vivenciado por Francisco de Assis, não só porque ele se despoja dos bens materiais, mas principalmente porque se despoja de si mesmo.

Em suma, ao analisar os textos franciscanos, percebe-se que Francisco não deixou de ser cavaleiro em nenhum momento. Foi trovador, jovial e sensível, ao mesmo tempo em que foi corajoso, forte e disciplinado, características semelhantes às dos jovens cavaleiros que demonstravam a cortesia para sua amada.

O cultivo desse amor-cortês, que no caso dos cavaleiros, era endereçado a uma dama, é um ponto marcante que se revela nos escritos franciscanos, pois Francisco também prestou seu amor ideal a uma dama, conforme relatado na *Biografia Segunda de Celano* (2004c, p. 355): “escolhi a pobreza como minha riqueza e como minha senhora”, ou seja, ele reconhece a pobreza como a Dama Pobreza. A Dama Pobreza é personificada em Francisco como uma linda mulher com quem ele desejava se casar e a quem ele prestava reverência. Francisco passou a ser conhecido como o Cavaleiro da Dama Pobreza e como aquele que a desposou.

Os companheiros de Francisco, ao vê-lo absorto de êxtase, com características de uma paixão, perguntavam se ele iria se casar, se

estava apaixonado, ao que este respondia que sim, que desposaria a mais bela de todas as damas, a mais digna de honra: a Senhora Dama Pobreza (TEIXEIRA, 2004e).

Por fim, são diversos os trechos dos escritos franciscanos que demonstram a cortesia franciscana. A cortesia, diferente da cultura cavaleiresca, que a entendia como comportamento nobre/civilizado, nos textos franciscanos revela um conjunto de qualidades, uma virtude a ser cultivada no modo de ser, de modo especial no cuidado com o outro, que é a manifestação do próprio Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Francisco de Assis, um jovem burguês do século XII, vislumbrava se tornar cavaleiro para pertencer à nobreza. Tinha a ambição de ser cavaleiro, um vício mais tarde compreendido como virtude no modo de servir a Deus.

Nota-se que a cultura cavaleiresca possui uma característica particular, muito prezada pelos cavaleiros: a cortesia. Ressaltou que a cortesia, para Francisco de Assis, é uma virtude que ultrapassa o entendimento vigente em sua época de cortesia enquanto comportamento dos nobres.

No século XIII, a cortesia era entendida como belas e boas maneiras, o que conseqüentemente colaborou para a compreensão de cortesia como conceito de civilidade urbana, polidez e refinamento dos comportamentos virtuosos até os dias atuais.

Entretanto, Francisco de Assis, influenciado pelo cristianismo, entende a vida do cavaleiro como uma demonstração de fé, piedade e virtude. Por isso, ensina aos seus seguidores as virtudes como um elemento para a formação humana, no intuito de fazer de seus seguidores homens melhores, de fino trato, que acima de tudo sabem cuidar dos outros.

O jovem assisense se tornou um cavaleiro a serviço de Deus, transferindo as características da cultura cavaleiresca para a aceção religiosa de cavaleiro. Francisco, particularmente, assume como sua

amada a dama Senhora Pobreza, motivo pelo qual se despoja de bens e presta as maiores honrarias a sua dama.

Conclui-se que Francisco vivenciou plenamente o ideal cavaleiresco, tanto que o comportamento da cortesia atribuída aos nobres cavaleiros é traço característico dos companheiros do jovem assisense para estes compreenderem a radicalidade da vida na vassalagem ao Senhor. Em suma, a cortesia é uma característica em que no trato fino com o outro e no cuidado para com todas as criaturas reverencia-se o próprio Deus, servindo-o com os votos de vassalagem. Ser cortês é, desse modo, participar do projeto da criação com as características do próprio Deus, oferecendo a cada um o que se tem de melhor, com atenção e cuidado.

REFERÊNCIAS

HUIZINGA, J. **O declínio da Idade Média**. 2. ed. Lisboa: Ulisseia, 1987. Disponível em: <<http://www.portalconservador.com/livros/Johan-Huizinga-O-Declinio-da-Idade-Media.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2015.

LE GOFF, J. **A civilização do Ocidente Medieval**. Trad. de Manuel Ruas. Editorial Estampa. Lisboa: Editorial Estampa, 1984. v. 2.

_____. **As raízes medievais da Europa**. Trad. de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2007.

PINTARELLI, A. E. **Cavaleiros de Dona Pobreza**. Petrópolis: Vozes, 1998. v. 1.

TEIXEIRA, C. M. (Org.). Atos do bem-aventurado Francisco e companheiros. In: **Fontes Franciscanas e Clarianas**. Petrópolis: Vozes, 2004a.

_____. Biografia Primeira de Celano. In: **Fontes Franciscanas e Clarianas**. Petrópolis: Vozes, 2004b.

_____. Biografia Segunda de Celano. In: **Fontes Franciscanas e Clarianas**. Petrópolis: Vozes, 2004c.

_____. Espelho da perfeição maior. In: **Fontes Franciscanas e Clarianas**. Petrópolis: Vozes, 2004d.

_____. Legenda dos três companheiros. In: **Fontes Franciscanas e Clarianas**. Petrópolis: Vozes, 2004e.

_____. Legenda maior. In: **Fontes Franciscanas e Clarianas**. Petrópolis: Vozes, 2004f.